

Artigos de Demanda Contínua

Continued demand paper



PEDAGOGIAS CULTURAIS SURDAS: EDUCADORES SURDOS REFLETINDO SOBRE PRÁTICAS E CONCEPÇÕES

Deaf Cultural Pedagogies: deaf educators
reflecting about practices and concepts

Janie Cristine Cantarelli do Amaral⁴⁸

Paddy Ladd⁴⁹

Matheus Trindade Velasques⁵⁰

Maribel González⁵¹

RESUMO

Apesar dos mais de duzentos e cinquenta anos de história, a educação de surdos ainda não tem uma tradição de pesquisa sobre o trabalho dos docentes surdos. Atualmente, as experiências que se autodescrevem como abordagens bilíngues nos meios educativos para surdos apontam para uma necessidade

ABSTRACT

Despite having over two hundred and fifty years of history, deaf education still lacks a tradition of research on the work of deaf teachers. Nowadays, the experiences that describe themselves as bilingual approaches in educational settings for deaf people indicate the need to investigate the linguis-

⁴⁸ Universidade Federal de Pelotas – UFPel; Pelotas; RS; Brasil; janiecristineamaral@gmail.com

⁴⁹ University College London; Londres; Reino Unido; paddieu@yahoo.co.uk

⁵⁰ Instituto Federal Catarinense – IFC; Sombrio; SC; Brasil; matheus.velasques@sombrio.ifc.edu.br

⁵¹ Universidade de Bristol; Bristol; Reino Unido; gonzalezmaribel@gmail.com

de investigação das funções linguística, cultural e pedagógica dos profissionais surdos que atuam nestas instituições. Nesse sentido, apresentamos, por meio deste artigo, um projeto de pesquisa a nível sul-americano recém delineado que procura analisar concepções e práticas pedagógicas culturais surdas provindas de espaços formais e informais em que a comunidade surda circula. O objetivo será atingido a partir da validação de dados coletados em estudos reconhecidos da área sobre o tema e novas coletas por entrevista a fim de mapear práticas pedagógicas ainda não identificadas e reconhecidas, para, logo após, disseminá-las por vários meios, inclusive digitais.

tic, cultural and pedagogical functions of deaf professionals who work in these institutions. In this sense, this paper introduces a new South American research project that seeks to analyze deaf concepts and deaf pedagogical cultural practices from formal and informal spaces which the deaf community shares with their peers. This will be achieved based on data collected in acknowledged studies in the area and new data collection based on interviews in order to map pedagogical practices not yet identified and recognized, to later on, disseminate them through various means, including digital ones.

PALAVRAS-CHAVE

Educação de Surdos; Pedagogias Culturais; Educadores; Tecnologia.

KEYWORDS

Deaf Education; Cultural Pedagogies; Educators; Technology.

Introdução

Escrevemos este artigo com o intuito de apresentar aos leitores brasileiros e sul-americanos o estágio atual de nosso esforço coletivo para o desenvolvimento de pesquisa no campo das pedagogias surdas e agora vislumbrando a construção futura de políticas educacionais de direito e preservação linguísticas e culturais. Narramos aqui as motivações que nos levaram a adentrar nesta área e explicitamos as novas relações de pesquisa estabelecidas entre surdos e ouvintes, pesquisadores consolidados e pesquisadores jovens sul-americanos através de um projeto de pesquisa sistematizado no Brasil, mas imbuído do empreendimento de identificar, mapear e preservar as práticas culturais pedagógicas surdas em toda a América Latina na próxima década. A escolha de apresentar este artigo de divulgação e articulação primeiramente ao INES é simbólica e retrata o reconhecimento à história dos surdos brasileiros

e da sua caminhada para aprimorar cada vez mais sua educação e sua inserção social preservando sua língua e culturas, como também a necessidade de que tenhamos no Brasil, país de estatura continental, primeiramente, a experiência de congregação de esforços vindos dos seus vários estados.

1. Uma história da educação sem as mãos e as marcas surdas

Embora com uma história de mais de duzentos e cinquenta anos, a educação de surdos, nacional e internacional, ainda não tem uma tradição de pesquisa sobre o trabalho dos docentes surdos. Com o advento da diminuição das proibições de uso das línguas de sinais, surgiram tentativas de sua implementação nos meios educacionais em diversas partes do mundo, principalmente a partir dos anos 80. Atualmente, as experiências que se auto descrevem como abordagens bilíngues nos meios educativos para surdos, com seus avanços e limitações, apontam para uma necessidade de investigação das funções linguística, cultural e pedagógica dos profissionais surdos que atuam nestas instituições. (MARSCHARK, M., & SPENCER, P.E 2009; COOPER, 2012).

Do que a literatura apresenta, nos mais diversos recantos do globo, tais profissionais ainda não estão satisfatoriamente integrados, autônomos e amplamente aproveitados na maior parte dos espaços educacionais para surdos que buscam desenvolver uma abordagem bilíngue de ensino autenticamente cultural. Junto da reflexão sobre o eixo da cultura e da interculturalidade, como lastros da educação bilíngue e da educação dos surdos em geral (GONÇALVES, LADD E VELASQUES, 2010; LADD E GONÇALVES, 2012⁵²), soma-se agora o consistente estudo feito no Chile por González (2017)⁵³ para sua obtenção do doutorado no mesmo círculo acadêmico onde Ladd e Gonçalves se encontraram e iniciaram seus estudos em 2001. Tais esforços somados a outros jovens pesquisadores brasileiros surdos e ouvintes (REIS, 2006; 2016 E TAVEIRA, 2014) parecem oferecer elementos interessantes para se repensar o que se tinha como abordagem bilíngue na educação sem uma atenção maior aos aspectos culturais e interculturais e a presença e

⁵² Ladd, P., & Gonçalves, J. (2012). A final frontier? How Deaf cultures and Deaf pedagogies can revolutionize Deaf education. In L. Leeson & M. Vermeerbergen (Eds.), *Working with the Deaf Community: Deaf Education, Mental Health & Interpreting* (pp. 9-33). Dublin: Interestgroup Publishing.

⁵³ Tese de Doutorado em estágio final sendo desenvolvida no Centro de Estudos Surdos da Universidade de Bristol.

atuação de profissionais surdos nos meios educacionais onde crianças e adultos surdos se educam. (PICKERGILL,1998; MARSCHARK, M., & SPENCER, P.E 2009; COOPER, 2012).

Precisamos de uma abordagem que incorpore os valores e práticas desta população e se comprometa com uma perspectiva de ensino em que o eixo da cultura educacional seja o mais próximo das práticas surdas de aprender e ensinar, mas que, ainda, línguas e culturas possam efetivamente trocar de lugar no espaço em que se dá a aprendizagem, sem submissão ou menor valia e cada uma possa aprender o que necessita da outra produtivamente, contribuindo para a formação integral dos surdos como sujeitos e cidadãos, e para a preservação da sua língua, culturas e comunidades.

Historicamente, os ouvintes têm direcionado as práticas e políticas educacionais da educação de surdos. Esta, na maioria dos espaços, é conduzida por ouvintes profissionais de ensino, professores ouvintes, gestores e políticos ouvintes que escolhem o que e como ensinar às populações surdas. Conforme Dunn (2008), a conhecida opressão colonialista sobre os surdos tomou forma articulada historicamente a partir das manifestações do Oralismo extremo praticado desde a Antiguidade e século XVIII, principal disseminador e motivador do processo de colonização desta comunidade linguística e cultural, até tempos atuais, com manifestações veladas em processos mais contemporâneos que ainda não permitem que surdos tenham uma voz efetiva em seus espaços e ambientes educativos. Manifestações surdas pós-coloniais criativas e emancipadas culturalmente ainda transitam e dividem espaço com velhas práticas de opressão e retração, desde outrora conhecidas desta comunidade nas instituições educacionais onde estas populações transitam (LANE, 1992; DUNN, 2008).

Um exemplo crítico reflexivo sobre esta opressão pedagógica foi apontado pelos pesquisadores ingleses Kyle e Allsop (1997) ao questionarem por quê crianças surdas com capacidade cognitiva e habilidade para se comunicarem são ainda forçadas a terem sua educação na língua oral na maioria dos ambientes educativos frequentados por surdos no mundo.

Nenhuma comunidade ouvinte toleraria que suas crianças fossem educadas por quem não consegue comunicar-se com elas ou entendê-las. No entanto, espera-se que crianças surdas com habilidades cognitivas irrestritas frequentem escolas exatamente nestas condições. (KYLE E ALLSOP 1997, p. 7)⁵⁴

⁵⁴ Tradução nossa.

2. Recordando Paulo Freire e a perspectiva sul-americana

O conceito de educador que lidamos em nossas pesquisas (GONÇALVES, 2009 E GONZÁLEZ, 2017) segue a linha freireana. Cada vez mais círculos de pesquisadores internacionais conseguem compreender que a riqueza do legado freireano não é rigor teórico, mas a epistemologia cultural comprometida que emana sozinha das reflexões desprezenciosas daquele pensador crítico. Para a gerações mais novas, é importante frisar que Freire jamais atribuiu a si o papel de teórico ou se definiu como tal, isso lhe foi impingido pela força do seu pensamento.

Freire fez da sua vida o compromisso de combate ao modelo tradicional de ensino acultural e alienante que denominou "bancário". Ele advogou por todo seu trabalho por uma prática holística de ensino que aproximasse a escola da vida. Neste sentido, sob esta definição, não seriam apenas professores convencionais que ganham o reconhecimento social de educadores, mas anciãos da comunidade, líderes culturais, ativistas e outros que possuam habilidades para compartilhar conhecimento com a comunidade. Para se tornarem agentes de mudança, os educadores devem primeiro entender as "vozes" e, na experiência surda, é preciso ler as "mãos" de seus alunos e comunidades. Freire defendia que os educadores devem, idealmente, vir do mesmo grupo cultural que seus alunos a fim de ajudar a remover a opressão, preservando a cultura. Segundo ele, não se pode, a não ser de forma ingênua, esperar resultados positivos de um programa educacional que rejeita a visão particular de mundo que as pessoas envolvidas nele têm, ou estão tendo naquele momento. Ao se fazer isso, mesmo que seja feito com as melhores intenções que se possa ter, isto será sempre uma invasão cultural. (FREIRE, 1982: 102)

Um outro aspecto da visão freireana, extremamente relevante para as pedagogias surdas, é o papel do diálogo na pedagogia – na visão de Freire, a aprendizagem se dá sempre no diálogo e quanto mais próximo for possível estar em uma perspectiva coletiva, mais adequado será para o desenvolvimento da conscientização, o que não se define somente como "o conhecimento ou o próprio reconhecimento dos fatos, mas também as opções, decisões e compromissos que alguém faz com base nesse conhecimento" (FREIRE, 1982: 5). Essa ênfase no coletivo, no entanto, não é à custa do indivíduo. Mudança é sempre vista para começar e terminar com o indivíduo, e o potencial de discordar com o coletivo é visto como essencial para o desenvolvimento saudável. No meio educativo surdo, a prática dialógica e o compro-

misso coletivo é primordial para o estabelecimento da troca e da preservação linguístico-cultural do grupo.

Finalmente, essa abordagem contém dimensões espirituais e políticas – a crença de que faltam muitas coisas na educação tradicional e alienante para se conseguir resgatar o homem contemporâneo e melhorar sua sociedade – e que, inclusive, para começar, é necessário compreender a totalidade da experiência humana, incluindo sua espiritualidade (KANPOL e YEO, 1997). A alegria e a esperança oferecidas por possibilidades transformadoras também são vistas como oportunidades espirituais para desafiar a opressão e alienação e dar força aos indivíduos e suas comunidades. Estas podem envolver dimensões culturais e de melhoramento humano tão necessárias nos dias de hoje e, de diversas maneiras, por todo o globo, incluindo as comunidades surdas que se encontram nele.

3. Pesquisas pelo mundo

Internacionalmente, pesquisas sobre o papel dos educadores surdos em instituições educacionais e práticas pedagógicas que estão atualmente em desenvolvimento têm ganhado mais espaço nos diferentes meios acadêmicos (DE CLERCK, 2010; COOPER, 2012) na última década. Estas investigações têm sido realizadas em países do norte da Europa, Estados Unidos e Brasil. Este desenvolvimento nos permite pensar que é possível vislumbrar o estabelecimento e disseminação de práticas pedagógicas a longo prazo, também para ouvintes em um contexto educacional verdadeiramente bilíngue e intercultural. González (2017) fez uma revisão exaustiva dos últimos investimentos investigatórios na área, no seu estudo de doutorado. Segundo a pesquisadora, a maior parte dos estudos tem sido desenvolvida por meio de abordagens qualitativas e usando métodos etnográficos, embora algumas dessas pesquisas incluam estudos de levantamento também. Em relação aos ambientes, alguns desses foram realizados em escolas regulares com experiências inclusivas, a maior parte nas escolas de surdos. Os participantes são adultos surdos trabalhando como auxiliares de ensino, ou como professores.

Ainda segundo González (2017), a maior parte dos estudos sobre educadores surdos foram liderados por pesquisadores surdos no papel de pesquisadores principais, orientadores ou membros do grupo de pesquisadores com um papel crítico e respeitado dentro do grupo. Os pontos levantados nestes estudos são semelhantes e geralmente interligados.

Ladd e Gonçalves (2012) exploraram as pedagogias culturais surdas e suas práticas pedagógicas no Reino Unido e no Brasil, respectivamente. Ladd desenvolveu seu trabalho entre 2003 e 2005 entre o Reino Unido e os EUA. Gonçalves entre 2002 e 2007 trabalhando com educadores surdos do sul do Brasil.

Mckee (2003) se concentrou em analisar o papel dos educadores surdos em relação ao seu trabalho com alunos surdos. Ele explorou o tema na Nova Zelândia entrevistando oito surdos adultos que atuavam em escolas regulares com programas de inclusão, não necessariamente tinham treinamento ou qualificação.

González aponta também Silo (1996), que pesquisou o papel dos educadores surdos no Reino Unido ao final dos anos 1980, mas foi Santini (2001) que aprofundou este trabalho em escolas bilíngues. Os estudos do norte americano Santini sobre o trabalho dos assistentes surdos de ensino no Reino Unido estão entre as primeiras aproximações neste campo realizadas por uma pessoa surda nesta área na Europa. Ele desenvolveu seus estudos de mestrado enquanto Gonçalves (2009) pesquisava sobre as comunidades surdas brasileiras, ambos dividiam espaço no Centro de Estudos Surdos da Universidade de Bristol naquela década, ao lado de Mike Gulliver, Sarah Batterbury e Donna West, a última década frutífera daquele centro. Uma das principais conclusões do estudo de Santini foi a de que mais pesquisas precisavam ser feitas para explorar os resultados e os efeitos de ter pessoas surdas ensinando seus pares. Seu estudo apontou os benefícios de se ter professores surdos na educação para ajudar as crianças surdas emocional e linguisticamente, bem como em termos de formação de identidade. Santini também argumentou que ter uma pessoa surda como parte da experiência educacional de um aluno surdo aumenta suas chances de ser bem-sucedido no sistema educacional.

Estudos conduzidos por Erting, (2001) nos EUA e por Morgan (2004) e, mais recentemente nos EUA, Reino Unido e México, por Sutton-Spence e Ramsey (2010), descrevem o papel dos educadores surdos na aprendizagem das crianças surdas e no seu desenvolvimento linguístico.

Estas proposições sobre os educadores surdos delineadas nestes estudos são reconhecidas em nível acadêmico, mas ainda não ao nível do sistema de ensino. A própria difusão e consolidação da língua de sinais como língua mediática do ensino de surdos ainda apresenta atrasos de implementação inaceitáveis nos vários cantos do mundo, dos mais desenvolvidos aos menos. Estudos feitos na Finlândia, região do globo em que se conseguiu atingir os melhores níveis de provimento linguístico para surdos no mundo, apontavam

há dez anos atrás problemas persistentes de escassez da situação linguístico-comunicacional nos ambientes de educação formal de surdos que ainda existem naquele país, situação ainda pior em países como o nosso e que persiste na maior parte dos ambientes educacionais para surdos em todo mundo até os dias de hoje. Segundo Brentari:

(...) há na Finlândia uma carência de professores que saibam sinalizar, e muitas crianças surdas não são educadas na Língua de Sinais Finlandesa apesar da lei educacional que menciona a possibilidade da língua de educação formal ser a língua de sinais. (2007, p. 112)⁵⁵

As línguas de sinais já figuram como um instrumento eficiente para melhorar a educação das populações surdas em diversos países do globo, com suas línguas de sinais particulares, precisa-se fazer disto uma prática universal e irrestrita nos vários ambientes e instituições no mundo onde há alunos surdos. Além disso, disseminação de práticas e pedagogias culturais relevantes para esta comunidade precisam ser identificadas, registradas e disseminadas para que línguas e culturas que circundam estas populações sejam preservadas e uma educação genuinamente eficiente e formadora possa ser construída pelas comunidades surdas, através dos seus líderes acadêmicos e dos seus professores em prática de ensino, surdos e ouvintes. Para tanto, busca-se, agora, ampliar o provimento deste serviço com mais professores, surdos e ouvintes, habilitados e com mais capacitação linguística e cultural, em ambas línguas, para atuarem na educação de surdos.

A transição desta mudança de perspectiva, da invalidação e falta de reconhecimento do papel e trabalho dos educadores surdos, para a criação de ambientes genuinamente bilíngues e interculturais, requer a consideração de vários aspectos em diferentes níveis. Segundo González (2017), Hirmas e Luna (2007) para que um modelo de educação intercultural seja eficaz é necessário articular os eixos de relevância cultural, coexistência entre culturas e sentimento de pertencimento de cada indivíduo envolvido em relação às culturas e línguas envolvidas no projeto educativo para estudantes.

A fim de melhorar as práticas bilíngues em atuação, que não tenham o reconhecimento e estímulo para com as práticas culturais e experiências interculturais (MARSCHARK, M., & SPENCER, P.E, 2009), faz-se necessário, primeiro, investigar em quais aspectos o domínio das línguas de sinais e o exercício de práticas pedagógicas culturais por seus usuários nativos, os surdos, influenciam a educação de surdos. A intenção é verificar a variação para a

⁵⁵ Tradução nossa.

melhoria do provimento da educação desta minoria linguística e a qualificação dos seus espaços linguísticos e culturais de aprendizagem, para o qual o projeto de pesquisa descrito neste artigo contribuirá direta e indiretamente.

Dentre várias aplicações de pesquisas sobre pedagogias surdas, de aproximações sobre questões pedagógicas e cognitivas das línguas de sinais, está o fato de que elas podem, também, auxiliar na formação de profissionais ouvintes para atuarem na educação de surdos no futuro, além da legitimação das práticas linguístico-culturais e interculturais surdas que já constroem aprendizagem nos seus meios.

A Universidade Federal de Pelotas, através da articulação da professora Janie Amaral, congrega com o Chile, através da parceria com a pesquisadora Maribel González, o esforço primeiro para mapear as pedagogias surdas a nível sul-americano, como descreveremos abaixo. O estudo desenvolvido por González é de extrema relevância e inclui concepções e práticas docentes de educadores surdos chilenos (GONZÁLEZ, 2017).

A união de pesquisadores da área sob orientação de surdos pesquisadores líderes mundiais como Paddy Ladd, Gladis Perlin e Marianne Stumpf, através deste empreendimento de pesquisa articulado pelo Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, a ser desenvolvido nos próximos três anos, tomará, também, por base a revisão dos aspectos pedagógicos elencados nas pesquisas de Flavianne Reis (Universidade Federal de Uberlândia - UFU) e Cristiane Taveira (Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES), as quais integrarão essa investigação como pesquisadoras colaboradoras através dos estudos que produziram sobre pedagogias na educação de surdos. A integração destes quatro esforços na área, considerando o ponto de partida Gonçalves (2009), e suas reflexões e extensivo trabalho com Dr. Paddy Ladd, em contextos diferentes e perspectivas complementares, será muito profícua para o avanço dos estudos na área.

Acredita-se que a parceria com a USP, por meio de uma desejada consultoria do Dr. Felipe Barbosa e integração com o LISCO, será o enriquecimento reflexivo que necessitamos neste momento da investigação. Na UFPel, contamos com a colaboração e consultoria da Prof. Dra. Tatiana Lebedeff, pesquisadora de larga experiência na educação de surdos, agora dedicada também à pesquisa das relações das comunidades surdas com novas tecnologias.

Pesquisas em estudos surdos que associam cultura e educação e, em especial, sobre pedagogias surdas estão somente no seu início. Dessa forma, é de suma importância que façamos mais pesquisas com as comunidades surdas

e com surdos que trabalham em educação em vários e diferentes contextos culturais, a fim de aumentar a nossa compreensão das epistemologias genuinamente surdas em educação e das práticas pedagógicas realizadas por estes indivíduos. Estas devem ser reconhecidas, valorizadas e apoiadas para que as línguas de sinais e as culturas surdas sejam preservadas e incentivadas.

No que tange à integração cultural e profissional das pessoas surdas nos mundos surdo e ouvinte, tais pesquisas podem ser muito informativas e orientadoras. Em geral, estudos desta área são essenciais para a melhoria da qualidade de vida da comunidade surda e para o sucesso de seus membros nos vários ambientes educacionais e sociais que compartilham com outros surdos ou ouvintes. Além disso, a riqueza linguístico-cultural, descoberta através destas pesquisas, tem uma contribuição que ultrapassa os espaços da educação de surdos, mostrando que a pedagogia cultural surda tem muito, também, a ensinar a nós, ouvintes.

4. A nova fase dos estudos sobre pedagogias

O Projeto de Pesquisa que nosso grupo propõe intitula-se “Pedagogias Culturais Surdas: educadores surdos refletindo sobre práticas, concepções e possibilidades através da tecnologia”, tendo como Coordenadora Geral a Prof. Dra. Janie Cristine Cantarelli do Amaral, da Universidade Federal de Pelotas, e como Coordenador Adjunto o Prof. Me. Matheus Trindade Velasques, do Instituto Federal Catarinense, contando com colaboradores surdos e ouvintes de instituições dentro e fora do Brasil.

O objetivo geral que norteia esta pesquisa é analisar concepções e práticas pedagógicas culturais surdas provindas de espaços formais e informais em que a comunidade surda circula, revisitando dados coletados e descritos por Gonçalves (2009), Reis (2006 e 2016), Taveira (2014) e González (2017), com o intuito de revalidar aspectos apontados nestes estudos e mapear práticas pedagógicas ainda não identificadas e reconhecidas, para, logo após, disseminá-las por vários meios, inclusive digitais.

Ao se desenvolver o objetivo maior estaremos contemplando também as seguintes metas específicas:

- (a) Examinar as práticas pedagógicas surdas apontadas nos estudos selecionados a fim de organizá-las em categorias para apresentá-las aos grupos de discussão e revalidá-las;

- (b) Entrevistar educadores surdos a fim de revalidar os dados coletados nos estudos selecionados e mapear possíveis novas práticas.
- (c) Construir canais de disseminação das pedagogias surdas organizadas neste estudo para profissionais surdos e ouvintes atuantes em educação de surdos através da organização de eventos e por meios digitais;
- (d) Promover oficinas para a construção de práticas pedagógicas que culminem na produção de materiais por intermédio da tecnologia da informação delineados a partir de um tema específico.

A metodologia nesta nova fase dos estudos seguirá aquela descrita em Gonçalves (2009) e González (2017), obedecendo a orientação da etnografia aplicada a educação (CARSPACKEN, 1996; BEIJAARD, MEIJER & VERLOOP, 2004; BLOMMAERT & JIE, 2010; BLOMBERG, & KARASTI, 2012). Fetterman define etnografia como “a arte e a ciência de descrever um grupo ou uma cultura” (1998, p. 1). Fielding oferece uma definição metodológica:

Etnografia é uma mistura curiosa de técnicas de investigação. É parte essencial ter uma interação social comprometida com os sujeitos do estudo no campo. Faz-se observações diretas de eventos relevantes entrevistas formais e uma grande quantidade de entrevistas informais. Pode-se incluir algumas contagens sistemáticas, coletas de documentos e artefatos. Todas estratégias devem contribuir para manter uma perspectiva sempre aberta em relação as revelações que o estudo possa fazer. (2000, p. 148)⁵⁶

As abordagens etnográficas em pesquisas relacionadas com comunidades linguísticas minoritárias, pesquisadas por indivíduos que não a tem como língua materna, particularmente, devem se esforçar para representarem as línguas, culturas e comunidades dentro de suas próprias estruturas de referência, mais do que daquelas impostas de fora para dentro. O fato de que um dos coordenadores da pesquisa é surdo, uma colaboradora pesquisadora também é surda, dois assistentes de pesquisa também são surdos, o conselho consultivo tem dois participantes surdos, e, finalmente, o fato de que todos nossos participantes informantes são surdos deverão minimizar este desequilíbrio.

O objetivo etnográfico de entender e interpretar o comportamento linguístico, pedagógico e cultural é um desafio ainda mais significativo, prin-

⁵⁶ Tradução nossa.

principalmente em comunidades minoritárias. Trabalhar em campo como pesquisador para transformar essa experiência cultural em novo conhecimento pedagógico é uma atividade complexa. Uma dificuldade particular com pesquisa etnográfica é que os membros de uma cultura normalmente não conseguem dar explicações racionais sobre suas crenças e práticas. Tal fato requer que a experiência precise ser recriada através da reflexividade (HAMMERSLEY & ATKINSON, 1991).

Por outro lado, pesquisadores estranhos à cultura se arriscam ao forçar interpretações sobre os dados e, não excepcionalmente, podem falhar ao tentar representar as estruturas culturais originais do(s) grupo(s) envolvidos. Outro equívoco epistemológico, ao se estudar fenômenos culturais primordialmente, é imaginar que seja possível entender as manifestações do grupo estudado integralmente.

González (2017) nos recorda que os etnógrafos não mais fingem serem membros dos grupos que estudam ou falam por eles, mas reconhecem, em vez disso, que qualquer tentativa de representação está necessariamente alicerçada em sua própria subjetividade social e histórica (HELLER, 2008).

Na verdade, o mais perto que um pesquisador pode chegar do seu objeto de estudo, neste caso, é uma percepção ou representação próxima da determinada cultura, ainda que seja um membro dela (HALL, 1998). Esta visão de etnografia se identifica com as perspectivas dos estudos culturais, já que as “interpretações” são entendidas como representações e sujeitas às variações trazidas tanto pelos olhos do observador, quanto pelo próprio objeto ou fenômeno social observado. A cultura e a educação, enquanto práticas culturais, também não podem ser capturadas ou ter características estáticas, e se encontram em permanente estado de “diferenças” no meio e espaço temporal em que se encontram, recorda González (2017).

Com isso em mente, o etnógrafo tenta interpretar as práticas culturais e sociais do dia-a-dia, específicas ou gerais, que o grupo estudado utiliza (GREEN, SKUKAUSKAITE e BAKER, 2012), sem jamais tomar para si qualquer domínio sobre essas.

As informações coletadas através das novas entrevistas que este tudo propõe sempre serão entendidas como uma fotografia representacional do momento, jamais como uma verdade ou representação de uma suposta *realidade*, como nos moldes da antiga etnografia (FIELDING, 2000). Por isso a revisita ao campo (GONÇALVES, 2009) e o contraste desses dados com comunidades surdas diversas no Brasil (REIS, 2006 e 2016; Taveira, 2014) e fora dele (GONZÁLEZ, 2017) são tão pertinentes.

5. Estratégias e instrumentos

As estratégias e instrumentos que serão empregados na pesquisa propostas pelo nosso grupo são:

(a) Análise comparativa dos estudos

Os quatro estudos serão analisados contrastativa e comparativamente a fim de reunir o maior número de pedagogias e estratégias em forma de banco de dados. Seminários periódicos entre os pesquisadores que aplicarão entrevistas presenciais e online serão desenvolvidos para a análise e discussão desses dados. Um banco de informações será organizado a partir destes esforços.

(b) Entrevistas

As entrevistas individuais e o contato permanente com os educadores participantes serão feitos presencialmente, por email, comunicação via messenger e skype, conforme adequado às necessidades dos informantes e as dos entrevistadores. As entrevistas, pelas motivações epistemológicas do estudo, serão conduzidas por colaboradores surdos da pesquisa, primordialmente, ou pelas pesquisadoras ouvintes colaboradoras e bilíngues. Os colaboradores surdos são educadores e pesquisadores que já integraram edições anteriores, como informantes, ou novos pesquisadores surdos que serão treinados pela equipe neste novo empreendimento investigatório. Teremos educadores do Chile, do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas e São Paulo integrando a pesquisa como informantes. Sempre que possível a entrevista ou discussão será gravada em mídia digital pelo assistente surdo ou aplicador ouvinte. Ela poderá ser conduzida em língua portuguesa se for comunicação escrita e Língua de Sinais se for contato via Messenger ou Skype com câmera (CLANDININ & CONNELLY, 1996; ISON, 2009).

(c) Seleção de Novos Informantes

A seleção dos novos participantes, educadores surdos colaboradores, será feita através de indicação vinda de escolas e institutos surdos das regiões e cidades em que os primeiros estudos foram desenvolvidos e também de São Paulo. O contato e treinamento será feito com cada educador que receberá uma explanação detalhada sobre o projeto pelos pesquisadores colaboradores da pesquisa. Os surdos informantes, ao aceitarem o convite de participação, receberão um documento que será preenchido por cada participante com seus dados e consentimento.

(d) Experimento

Duas oficinas com educadores surdos serão organizados para produção de estratégias e materiais educacionais para o projeto “A juventude, os Direitos Humanos e as violências: produzindo conhecimento para o exercício dos Direitos de Cidadania” (OLIVEIRA et al, 2017). Os pesquisadores Merzani, Velasques e Amaral integram também o grupo desta pesquisa maior e coordenam as atividades desta vinculadas as comunidades surdas do Brasil.

(e) Diário de observações

Cada pesquisador e ou assistente terá seu diário de pesquisa de observações e notas, a partir de seu contato formal e informal com os espaços educativos em que surdos atuam como educadores. Tais registros serão discutidos periodicamente durante o desenvolvimento da pesquisa e colaborarão para a análise final dos dados. Registros de eventos e situações pedagógicas relevantes para pesquisa poderão ser feitos digitalmente, conforme a relevância e a necessidade.

(f) Análise e Grupos de Discussão

O estudo das novas narrativas e pedagogias será feito através de análise temática (BOYATZIS, 1998). Após a primeira análise dos dados, um grupo de discussão será organizado com os informantes educadores (BALCH & MERTENS, 1999), assistentes de pesquisa surdos e colaboradores. Nas fases posteriores, uma série de seminários de discussão com os colegas pesquisadores colaboradores da pesquisa atual será conduzido para a análise dos dados novos. Ao final da análise, teremos os dados das quatro pesquisas anteriores revisados por suas pesquisadoras e contrastados entre si e com os novos dados obtidos neste último estudo de coleta através de entrevistas e contato com a comunidade.

(g) Escrita de artigos e disseminação dos dados

Temos a previsão de escrita de pelo menos três artigos com base neste estudo previstos para até o início de 2018 e sucessivamente nos próximos anos. O processo de disseminação dos dados e das pedagogias será desenvolvido pelo grupo de pesquisa PLED – Políticas Linguísticas, Educação e Interculturalidade (CNPQ) que envolve pesquisadores que atuam no Brasil e no exterior e todos que atuarão nesta pesquisa como colaboradores e ou coordenadores.

Concluindo com um sinal para o futuro

Narramos ao longo deste trabalho o esforço empreendido por nosso grupo para o desenvolvimento de pesquisa no campo das pedagogias surdas e agora vislumbrando a construção de políticas educacionais de direito e preservação linguísticas e culturais, projeto a ser desenvolvido ao final deste. As motivações científicas e políticas que nos levaram a adentrar nesta área foram explicitadas e as novas relações de pesquisa estabelecidas entre pesquisadores surdos e ouvintes aqui reunidos demonstram o elo de comprometimento da equipe envolvida com as demandas atuais da educação de surdos.

A necessidade da valorização do trabalho dos educadores surdos é reconhecida em nível acadêmico, mas ainda não ao nível do sistema de ensino. É necessário que pesquisas sucedidas por empreendimentos de organização política conduzam as transformações necessárias para a incorporação efetiva das pedagogias surdas e do trabalho docente surdo nos meios educacionais para surdos.

O futuro da educação de surdos exige esse comprometimento e pacto entre surdos e ouvintes para um avanço cultural comprometido e consciente dos profissionais envolvidos nela. Dentre várias aplicações de pesquisas sobre pedagogias surdas, está o fato de que elas podem, também, auxiliar na formação de profissionais ouvintes para atuarem na educação de surdos no futuro, além da legitimação das práticas linguístico-culturais e interculturais surdas que já constroem aprendizagem nos seus meios.

Esperamos que mais trabalhos nesse sentido sejam propostos nos anos que seguem a fim de, efetivamente, termos uma educação de surdos que incorpore em sua práxis cotidiana práticas pedagógicas que são nativas da própria comunidade surda. Com isso, a comunidade surda terá validado seu esforço de gerações em obter o protagonismo nas decisões concernentes ao seu próprio rumo e decisões centrais como o uso das línguas de sinais e a educação bilíngue, cultural e multicultural, tão necessária às trocas com a comunidade ouvinte.

REFERÊNCIAS

- BARAB, S.; *et al.* Reflections from the Field. *Critical Design Ethnography: Designing for Change*. *Anthropology & Education Quarterly*, v.35, p.254–268. 2004.
- BATTISTE, M. *Research ethics for protecting indigenous knowledge and heritage*. 1.ed. Los Angeles: Sage Publications, 2008.
- BALCH, G.; MERTENS, D. *Focus group design and group dynamics: Lessons from deaf and hard of hearing participants*. *The American Journal of Evaluation*, v.20, p.265-277, jun. 1999.
- BEIJAARD, D.; MEIJER, P.; VERLOOP, N. Reconsidering research on teachers' professional identity. *Teaching and Teacher Education*, Leiden, v.20, p.107-128, 2. jul. 2003.
- BLOMMAERT, J.; JIE, D. Ethnographic fieldwork: A beginner's guide. *Multilingual Matters*, Bristol. jun. 2010.
- BLOMBERG, J.; KARASTI, H. Ethnography: Positioning Ethnography within Participatory Design. In SIMONSEN, J.; ROBERTSON, T.; *et al.* *Routledge International Handbook of Participatory Design*. Nova Iorque, p.86-116. jan. 2012.
- BOYATZIS, R. *Thematic analysis and code development: Transforming qualitative information*. Londres: Sage publications, 1998.
- BRENTARY, D. *Sign Language*. Cambridge: University Press, 2007.
- BULMER, M. The ethics of Social Research. In: NIGEL, G (ed.) *Researching Social Life*. 3.ed. Los Angeles: Sage publications, 1993, p. 45-57.
- CLANDIMIN, J.; CONELLY, M. Teachers' Professional Knowledge Landscapes: Teacher Stories. *Stories of Teachers. School Stories. Stories of Schools*.v.25, p.24-30, 3.
- CARSPECKEN, P. *Critical Ethnography in Educational Research. A theoretical and practical guide*. Londres: Routledge, 1996.
- COOPER, R. Can it be a good thing do be deaf? In: PAUL P.; *et al.* *Deaf epistemologies: Multiple perspectives on the acquisition of knowledge*. 1.ed. Washington DC: Gaullaudet University Press, 2012, p.236-254.
- CLERCK, G. Deaf epistemologies as a critique and alternative to the practice of science: An anthropological perspective. *American Annals of the Deaf*, v. 154, p. 435-446, 5. dez. 2010.
- DUNN, L. The burden of racism and audism. In: BAUMAN, H-D. L. (Ed.), *Open your eyes: Deaf studies talking*. *University of Minnesota Press*, Minneapolis, p. 235-250. 2008.
- ERTING, L. (no prelo). *Book Sharing the Deaf Way: An Ethnographic Study in a Bilingual Pre-school for Deaf Children*. 2001. 39 f. Tese. University of Maryland, Maryland.
- FETTERMAN, D. *Ethnography: Step by Step*. 2.ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2010.
- FIELDING, N. Ethnography. In: GILBERT, N. (ed). *Researching Social Life*. 3.ed. Los Angeles: Sage publications, 1993, p. 145-163.
- FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.
- GONÇALVES, J. *The role of Gaucho culture and Deaf pedagogy in rethinking Deaf education*. Reino Unido: University of Bristol. 2009.

- GONÇALVES, J.; LADD, P. Culturas surdas e o desenvolvimento de pedagogias surdas. In: KARNOPP, L.; *et al.* Cultura surda na contemporaneidade: negociações, iterrorências e provocações. Canoas: ULBRA. 2011, p.295-329.
- LADD, P.; GONÇALVES, J. A final frontier? How Deaf cultures and Deaf pedagogies can revolutionize Deaf education. In: LEESON, L.; *et al.* Working with the Deaf Community: Deaf Education, Mental Health & Interpreting. Dublin: Interresourcegroup Publishing. 2012. p. 9-33.
- GONÇALVES, J.; LADD, P.; VELASQUES, M. *Intercultural negotiations between majority and minority cultures as manifested in the educational discourses of the South Brazilian Gaucho Deaf community.* In: COELHO, O.; KLEIN, M. et al., Cartografias da Surdez: Comunidades, línguas, práticas e pedagogia. Portugal: CIEE/Livpsic, 2013. p. 315-326.
- GONZÁLEZ, M. *Being and becoming a deaf educator: the construction of Deaf educators roles and Pedagogies in Chilean Deaf Schools.* Universidade de Bristol, 2017. No prelo.
- GREEN, J.; SKUKAUSKAITE, A; BAKER, D. *Ethnography as epistemology: An introduction to educational ethnography.* In: ARTHUR, J. et. al. (Org.). London: Sage Publications, 2012.
- HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. *Ethnography: Principles in practice.* 2. Ed. Londres : Routledge, 1995.
- HAMMERSLEY, Martyn. Introduction: Reflexivity and Naturalism. In: HAMMERSLEY, M. (Ed.). *The Ethnography of Schooling: Methodological Issues.* Driffield: Nafferton, 1983, p. 45-60.
- HALL, S. Introduction. In: HALL, S. (Ed.). *Representation: cultural representations and signifying practices.* London: Sage em associação com The Open University, 1997, p. 1-11.
- HELLER, M. Doing Ethnography. In: WEY, L; MOYER, M. G. (Eds.). *The Blackwell Guide to Research Methods in Bilingualism and Multilingualism.* Oxford: Blackwell Publishing, 2008.
- ISON, N. L. Having their say: Email interviews for research data collection with people who have verbal communication impairment. *International Journal of Social Research Methodology*, vol. 12, 1º sem. 2009. Disponível em: [<http://dx.doi.org/10.1080/13645570902752365>]. Acesso em: 05 mar. 2017.
- KYLE, G.; ALLSOP, L; Sign on Europe. Bristol: CDS and Brussels. 1997.
- LANE, H. *The mask of benevolence: disabling the deaf community.* 1.ed. Nova Iorc: Knopf, 1992.
- LUNA, L.; HIRMAS, C. *Enfoques curriculares de educación intercultural en Chile: análisis para una propuesta de convivencia [Curricular approaches of intercultural education in Chile: analysis for a proposal convivencia].* In: *VI Latin American Congress of Intercultural Bilingual Education*, 2007, Santiago, Chile. Anais...Chile, 2001.
- MARSCHARK, M.; SPENCER, P. E. *Evidence of best practice models and outcomes in the education of deaf and hard-of-hearing children: an international review.* 2009. p. 1-294.
- MCKEE, R. *Report on a survey of Deaf paraprofessionals' perspectives on mainstream learning contexts for Deaf students in New Zealand.* Victoria University of Wellington, New Zealand, 2003.
- MORGAN, D. D. *Deaf teachers' practices supporting and enabling pre-school deaf children's development of a participative identity.* 2004. 225 f. Tese. (Doutorado em Educação), Universidade de Illinois, Urbana-Champaign.
- OLIVEIRA, W. F. et al. *A juventude, os Direitos Humanos e as violências: produzindo conhecimento para o exercício dos Direitos de Cidadania.* Projeto de pesquisa submetido ao CNPQ. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. 2017.

PICKERSGILL, M. Bilingualism-current policy and practice. In: GREGORY, S et al. (Eds.). *Issues in deaf education*. 1.ed. Nova Iorc: David Fulton, 1998, p. 88-97.

REIS, F. *Pedagogia dos Surdos. Professor Surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica*. 2006, 128 f. Tese. (Mestrado em Educação e Processos Inclusivos), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. "Professores Surdos: Identificação ou Modelo?". In: QUADROS, R.; PERLIN, G. (Org.). *Estudos Surdos II*. 1.ed. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007, p. 86-99.

_____. *A docência na educação superior: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos*. 2015, 279 f. Tese. (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.

SANTINI, J. *The role models: multicultural politics at bilingual deaf schools in Britain*. Bristol University, United Kingdom. No prelo.

SILO, J. A. *Deaf teachers of the Deaf*. Open University, United Kingdom. No prelo.

SUTTON-SPENCE, R.; RAMSEY, C. What we should teach deaf children: deaf teachers' folk models in Britain, the USA and Mexico. *Deafness & Education International*, v. 12, n.03, p. 149-176, 2º sem. 2010.

TAVEIRA, C. *Por uma didática da invenção surda: Prática pedagógica nas escolas-piloto de educação bilíngue no município do Rio de Janeiro*. 2014. 365 f. Tese. (Doutorado em Ciências Humanas - Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

WOODWARD, J. How you gonna get to heaven if you can't talk with Jesus: The educational establishment vs. the Deaf community. In: *34th Annual Meeting of the Society for Applied Anthropology*. Amsterdã: Royal Tropical Institute, 1982.